

SER-NO-MUNDO, CIÊNCIA E TÉCNICA: UMA LEITURA D'A PERGUNTA PELA TÉCNICA A PARTIR DE SER E TEMPO

BEING-IN-THE-WORLD, SCIENCE AND TECHNIQUE: A READING OF THE QUESTION FOR THE TECHNIC FROM BEING AND TIME

Marcos Fanton*

RESUMO: O presente artigo pretende realizar uma interpretação não imanente dos escritos de Heidegger sobre a questão da ciência moderna e da técnica. Para isso, os novos conceitos elaborados pelo filósofo serão interpretados à luz de sua primeira fase, isto é, a partir, sobretudo, dos conceitos de ser-no-mundo, ocupação, ciência, *Zuhandenheit* e *Vorhandenheit*. Nesse sentido, o ganho eurístico que se busca é a possibilidade de visualizar os textos heideggerianos a partir de uma rede conceitual sistemática, sem cair em discussões supérfluas ou estigmatizantes.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger. Ciência. Técnica. Ser-no-mundo.

ABSTRACT: This article aims to perform a non-immanent interpretation of the Heidegger's writings on technique and modern science. In order to so, the new concepts developed by the philosopher will be interpreted accordingly to the first phase of the author, that is, above all insofar the concepts, of being in the world, occupation, science, *Zuhandenheit* and *Vorhandenheit*. In this sense, the heuristic gain aimed at is the possibility to visualize the Heideggerian texts since a systematic conceptual network, without resorting to superfluous and stigmatizing discussions.

KEY WORDS: Heidegger. Science. Technique. Being-in-the-world.

Em seu livro *Pensar é pensar a diferença*, Ernildo Stein distingue a trajetória do pensamento de Heidegger em três etapas: a primeira iria desde o início dos seus escritos fenomenológicos até a publicação de *Ser e Tempo*, tendo por objetivo precípua o empreendimento de uma ontologia fundamental, construída a partir de sua analítica existencial do *Dasein*. Já a segunda é caracterizada como um movimento de ir além do projeto estabelecido em *Ser e Tempo*, movimento este denominado *viravolta* (*Kehre*), no qual, a partir de 1929, o filósofo abandona a dimensão transcendental da analítica existencial e passa a vincular-se a um elemento historial da filosofia: a história da filosofia ocidental – ou, ainda, a história da metafísica – é considerada a história do esquecimento do ser. Por fim, após a Segunda Guerra Mundial, Heidegger passa a realizar uma série de escritos e conferências com temáticas específicas e contemporâneas, tais como a questão da técnica, da linguagem, da

* Mestrando em Filosofia-PUCRS/CNPq. Contato: fanton.marcos@gmail.com

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

obra de arte, da poesia, do pensamento, da ciência, etc. Nesta terceira etapa, no entanto, ao mesmo tempo em que Heidegger procura diagnosticar os fenômenos de sua era, leva-nos de volta a suas etapas posteriores¹.

A partir desta distinção metodológica, poderíamos afirmar que o objetivo deste artigo é realizar uma leitura não tão imanente e tradicional dos escritos do chamado Heidegger III, ou seja, a questão da técnica bem como da ciência moderna serão interpretadas à luz da analítica existencial do *Dasein* (do Heidegger I), como um meio de adquirir uma instância crítica dos novos conceitos elaborados pelo filósofo. Se isto é possível de ser realizado ou não e se traz resultados produtivos, deixaremos em aberto.

I. O modo como Heidegger descreve a ocupação teórico-científica em *Ser e tempo* pode ser vista em diversas passagens desta obra. Paradigmático é o §69b, que fornece um viés de leitura interessante para os demais parágrafos. Ali, Heidegger realiza uma distinção entre – o que poderíamos denominar simplificada – a ocupação circunspectiva e a-temática e a ocupação a-circunspectiva e temática do *Dasein*. A primeira parte de nossa exposição irá se concentrar na explicação dessas duas expressões.

Em sua investigação fenomenológica do ser-no-mundo, Heidegger caracterizará o *Dasein*, sob o horizonte da cotidianidade, como já sempre absorto no mundo, dispersando-se em inúmeras atividades possíveis de se realizar, como estudar, comer, sentar-se, dormir, correr, plantar, etc. Todas essas possibilidades de ser-em reúnem-se sob o existencial *ocupação* (*Besorgen*)², que, entendida ontologicamente, refere-se sempre a uma estrutura tríplice: (1) é sempre para algo, em relação a algo; (2) é um ato determinado, quer dizer, é um modo específico de se ocupar; (3) há sempre uma projeção de ser necessariamente contida neste modo, ou seja, nos ocupamos com os entes a partir de determinada compreensão do ser³.

Os entes utilizados na ocupação, os instrumentos, possuem a estrutura pragmática do “para-algo”, na qual, por estarem sempre remetidos a finalidade, comparecem desde uma totalidade remissional de utensílios. O modo como o *Dasein* lida com tais entes, deixando-os

¹ STEIN, E. *Pensar é pensar a diferença*. Ijuí: UNIJUI, 2002a. p. 21ss.

² HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 83.

³ REIS, R. R. “Matemática e ontologia no primeiro Heidegger: com o que sonha a nossa geometria?”. In: OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de; SOUZA, Ricardo Timm de (Org.) *Fenomenologia Hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 388.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

comparecer a partir desta totalidade prévia e, com isso, utilizá-los de modo adequado, chama-se *circunspeção*⁴.

Ser-no-mundo, então, é descrito por Heidegger, a partir de tais conceitos, como o “absorver-se atemática e circunspectivamente nas remissões constitutivas do estar à mão da totalidade de utensílios”⁵. Familiarizando-se com o mundo, a ocupação pode deixar o utensílio ser, isto é, deixar que ele compareça à circunspeção como o ente que ele é. Nesse sentido, o modo específico da ocupação circunspectiva (*umsichtigen Besorgens*) é a compreensão pré-ontológica e atemática dos utensílios mesmos, com a finalidade de realizar algo no mundo circundante.

Outro modo, no entanto, da ocupação desenvolver-se é o comportamento teórico, que, como conhecimento científico do mundo, possibilita ao Dasein alcançar “um novo *estado de ser* em relação ao mundo já sempre descoberto”. “Esta nova possibilidade de ser”, prossegue Heidegger,

pode se desenvolver em forma autônoma, converter-se em tarefa e assumir, como ciência, a direção do ser-no-mundo. No entanto, o conhecimento não *cria*, pela primeira vez, um “*commercium*” do sujeito com um mundo, nem este “*commercium*” *surge* tampouco por uma atuação do mundo sobre o sujeito. O conhecimento é um modo de existir [do Dasein] que se funda no ser-no-mundo⁶.

Na caracterização da gênese ontológica da ocupação teórico-científica, tal como é descrita no §69 de *Ser e tempo*, Heidegger entenderá este novo estado de ser como uma transformação na compreensão do ser: da ocupação circunspectiva e atemática para a ocupação a-circunspectiva e temática. Este novo modo de ocupação é destituído da especificidade da circunspeção, tendo em vista que, a partir do momento em que o Dasein enuncia uma proposição científica sobre qualquer ente, (1) o mundo, como condição prévia para os utensílios comparecerem, perde seu caráter especificamente circundante; e (2) os entes, agora compreendidos como puramente presentes (*Vorhandenheit*), têm sua delimitação dada pelo mundo circundante suprimida, convertendo-se em um mero ponto dentro do mundo, indistinto dos demais⁷. E, além disso, a ocupação é temática não porque lida com entes específicos de determinada ciência, mas, sim, porque o ente visado é descoberto através

⁴ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 97.

⁵ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 103.

⁶ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 88.

⁷ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 377.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de um projeto prévio e determinado de ser, tornando-se, tal ente, possuidor de propriedades objetivamente interrogáveis e determináveis⁸.

O que está em jogo aqui, portanto, não é a mudança de entes ou de objetos com que nos ocupamos no mundo cotidiano. Ora, um martelo, ao ser utilizado para pregar um prego na parede, é compreendido a partir da compreensão circunspectiva e atemática *enquanto* um utensílio para martelar. Se, no entanto, um juiz ler um processo jurídico, cujos enunciados descrevem uma agressão realizada com um martelo, então este será compreendido enquanto uma arma eventual. Ou seja, o que recebe uma transformação decisiva é o modo de ser do Dasein enquanto ser-no-mundo, bem como o modo de ser dos entes intramundanos.

II. Em seus escritos posteriores, Heidegger substituirá o elemento hermenêutico-transcendental para, a partir da *viravolta*, pensar a dimensão historial do ser. Nesta nova etapa, a relação entre diferença ontológica, na qual consideramos *ser* o elemento sem o qual não podemos acessar os entes, e Dasein, o único ente que compreende a si mesmo enquanto compreende o ser em geral, é levada a uma nova dimensão. Como cada época da história da filosofia confundiu o ser com um ente, a partir do modo como aquele se manifesta em sua presença, determinando-o, assim, como seu fundamento, ela pode ser considerada a história do esquecimento do ser. Isto significa o esquecimento do velamento do ser no desvelamento dos entes. Nesse sentido, a história do ser admitiu, em diversas épocas, apenas a possibilidade de um determinado modo de manifestação (de presença) do ser, esquecendo sempre o seu próprio velamento⁹. Esse modo de manifestação caracteriza a essência de uma era, concebida a partir da verdade do ser que nela vigora e da interpretação do ser do ente¹⁰. Nos textos de Heidegger desse período, encontramos a freqüente pergunta pela interpretação do ser de uma época ou da essência daquilo que a determina (seu princípio epocal ou sua posição metafísica fundamental).

Dois fenômenos essenciais da modernidade, para Heidegger, são a ciência e a técnica como uma transformação da prática. O modo como ele descreve tais fenômenos pode ser encontrado em diversos textos espalhados por sua *Obra Completa*. Neste artigo, no entanto,

⁸ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 378 e 181.

⁹ STEIN, E. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002b. p. 90.

¹⁰ HEIDEGGER, Martin. "Ciencia y meditación". In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001a. p. 120.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

iremos nos concentrar apenas em alguns textos de *Caminhos da floresta (Holzwege)* e *Ensaio e conferências (Vorträge und Aufsätze)*.

Na conferência de 1938, *O tempo da imagem do mundo*, Heidegger define a essência da ciência moderna como investigação, que possui três características essenciais. A primeira é o projeto, que, de maneira similar à descrição de *Ser e tempo*, significa o abrir prévio de uma área, de um plano determinado em meio ao ser, a fim de que os entes científicos possam ser compreendidos, isto é, tornarem-se visíveis enquanto tais. O modo específico de conhecimento de cada área aberta, ligado a respectiva área, determina o rigor de cada investigação (por exemplo, o rigor da matemática é a exatidão)¹¹.

A segunda característica essencial da investigação é o procedimento, no qual projeto e rigor podem se desdobrar e a ciência, em seus âmbitos de indagação, especializar-se. A partir da realização de um experimento, o procedimento, segundo Heidegger, “representa uma condição de acordo com a qual um determinado complexo de movimentos, a necessidade de seu curso, pode ser seguido, isto é, pode ser dominável de antemão para o cálculo”¹². O conceito de cálculo é explicitado, em outro texto, como um contar com algo, isto é, tomar algo em consideração, pô-lo em nossas expectativas¹³. O importante aqui é entendermos que este calcular significa uma objetivação do real – dos entes e da área de determinada ciência –, na qual as possibilidades de conhecimento são asseguradas de antemão, assim como as de questionamento são restringidas¹⁴.

A terceira e última característica da investigação é a empresa, fenômeno relativo à instituição, que determina a possibilidade de autoridade, isto é, de legitimidade de qualquer discurso científico. A partir desta terceira característica, Heidegger retorna à primeira e à segunda, pois é na instituição que o projeto da área objetivada é inserido no ente e o planejamento dos modos de procedimento poderão ser levados adiante¹⁵.

A esta essência da ciência moderna como investigação corresponde uma concepção própria de ente, que determinará tudo aquilo que é, o que significa, para Heidegger, tudo aquilo que pode ser compreendido pelo homem. Na investigação, somente podemos

¹¹ HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 99-101.

¹² HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998. p. 103.

¹³ HEIDEGGER, M. “Ciencia y meditación”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001a. p. 42.

¹⁴ HEIDEGGER, M. “Ciencia y meditación”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001a. p. 41-2.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Ser-no-mundo, ciência e técnica: uma leitura d'*A pergunta pela técnica* a partir de
Ser e tempo

compreender algo que se torna objeto, isto é, disponível para o representar, e cuja verdade reside na certeza do representar.

Se compararmos com *Ser e tempo*, veremos que os conceitos de tematização e objetivação, através dos quais a compreensão do ser dos entes à mão transforma-se na compreensão dos entes puramente presentes, deixam de existir e, até mesmo são desnecessários, uma vez que, desde sempre, o único modo de compreensão dos entes é a representação: o trazer para diante de si qualquer ente enquanto contraposto, de tal modo que o homem possa estar seguro do ente enquanto objeto¹⁶.

Joseph Rouse, em seu artigo *Heidegger's later philosophy of science*, traz uma interpretação semelhante:

Ele [Heidegger, M.F.] abandonou a tese de que a ciência descontextualiza as coisas e permite-nos vê-las como simplesmente dadas. Ao invés disso, ciência é o nosso modo de engajamento prático no mundo, no qual ajuda a focar, para nós, a configuração e direção da modernidade. Ciência não é algo ontologicamente diferente do que o cuidado prático cotidiano; ela traz ante nós mais claramente o que está acontecendo em nossa prática cotidiana. Tudo o que nós fazemos expressa uma interpretação do que é ser, mas ciência é um fenômeno com o qual nós podemos perspicazmente trazer esta interpretação à reflexão¹⁷.

Também as concepções de homem e de mundo transformam-se na ciência moderna, a partir de um processo recíproco: pondo-se a si mesmo como sujeito, como o centro de referência do ente na totalidade, o homem concebe o mundo como uma imagem estabelecida diante de si e para si. Nesse momento, aquilo que é, para ser algo que é, está sempre à disposição e colocado no âmbito do conhecimento do homem, como estando-representado¹⁸. Esta relação sujeito-objeto, em *Ser e tempo*, significa justamente o “saltar por cima” do fenômeno ser-no-mundo.

¹⁵ HEIDEGGER, M. “O tempo da imagem do mundo”. In: *Caminhos da floresta*. Lisboa, FCG, 2002. p. 106-8.

¹⁶ HEIDEGGER, M. “O tempo da imagem do mundo”. In: *Caminhos da floresta*. Lisboa, FCG, 2002. p. 109-10.

¹⁷ “He [Heidegger, M.F.] has abandoned the claim that science decontextualizes things, and allows us to see them as merely present-at-hand. Instead, science is our way of practically engaging the world which helps focus for us the configuration and direction of modernity. Science is not something ontologically different from everyday practical concern; it brings before us more clearly what is also happening in our everyday practices. Everything we do embodies an interpretation of what it is to be, but science is a phenomenon with which we can perspicuously bring this interpretation to reflection”. ROUSE, Joseph. “Heidegger’s later philosophy of science”. In: DREYFUS, R.; WRATHALL, M. (Org.). *Heidegger reexamined: truth, realism and the history of being*. v.2. New York: Routledge, 2002. p. 305.

¹⁸ HEIDEGGER, M. “O tempo da imagem do mundo”. In: *Caminhos da floresta*. Lisboa, FCG, 2002. p. 112-3.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Se, no entanto, consideramos que a essência da ciência reside na essência da técnica, como dirá Heidegger em uma carta de 1950¹⁹, então nossa investigação deverá prosseguir em direção aos escritos sobre a técnica. Como aludimos anteriormente, iremos nos ater unicamente à conferência *A pergunta pela técnica*, de 1953, considerada por Pöggeler uma reprodução concisa do ciclo de conferências *Lance de olhos para dentro daquilo que é*, realizada em Bremen em 1949²⁰.

III. Como já realizamos um pequeno percurso por *Ser e tempo* e, ainda, pela conferência *O tempo da imagem do mundo*, tentaremos abordar o texto agora em vista sob um viés específico: por um lado, a pergunta pela essência da técnica será desenvolvida como pergunta pela concepção de ente e pelo conceito de verdade imperante; por outro, realizaremos uma comparação com o que foi abordado até aqui.

A essência da técnica é o dis-positivo (*Ge-stell*), concebido como uma forma de desvelamento que provoca o homem a desvelar o real no modo de um solicitar por disponibilidades. Tudo aquilo que é encontra-se, em todas as partes, solicitado a estar imediatamente disponível e, ao mesmo tempo, solicitado para outra solicitação. Nesta mesma direção, a Natureza é provocada a dispor-se como fornecedora de energia a ser extraída e armazenada. A própria linguagem, entendida a partir da técnica, explica Heidegger em outro texto, tem sua forma suprema na informação, devido a sua aparente univocidade, segurança e celeridade em fornecer notícias e instruções²¹.

A essência da técnica, no entanto, não é disponível ao homem. Heidegger dirá, diversas vezes, que ela não é algo técnico, isto é, um objeto, um ente. O modo como o homem situa-se nesta era é correspondendo à exortação do desvelamento, já que ele é provocado a provocar a Natureza. Aqui, porém, não há mais nem sujeito nem objeto, restando apenas o caráter de pura “relação”, na qual ambos solicitam-se mutuamente como disponíveis²².

Nos termos de *Ser e tempo*, esta solicitação incessante, à primeira vista, não apenas poderia adquirir contornos agudos em relação ao fenômeno do “a gente” (*das Man*), como

¹⁹ HEIDEGGER *Apud* STEIN, E. “O incontornável como o inacessível: a diferença ontológica numa carta inédita de Heidegger”. In: STEIN, E. *Diferença e metafísica*: ensaios sobre a desconstrução. 2.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. p. 103.

²⁰ PÖGgeler, O. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Piaget, 2001. p. 230.

²¹ HEIDEGGER, M. *Lenguaje tradicional y lenguaje técnico* (1962). Texto disponível em: http://www.heideggeriana.com.ar/textos/tecnico_tradicional.htm#_edn1. Acesso em: 18.08.2008.

²² HEIDEGGER, M. “Ciencia y meditación”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001a. p. 44.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

poderia fazer desaparecer a própria estrutura de mundo de utensílios, uma vez que estes nunca alcançariam uma ocupação específica a fim de serem remetidos a uma totalidade relacional.

No entanto, apesar de termos visto que o esquecimento do velamento do ser na era da técnica provoca o homem a compreender apenas o manifesto, o que se mostra como disponível, não podemos deixar de levar em consideração que a ele sempre resta outra possibilidade: pensar a ambivalência entre velamento e desvelamento dos entes. Dessa forma, pois dis-positivo, mundo e coisa nunca acontecem sucessivamente, um após o outro, mas, sim, simultaneamente²³ – algo semelhante à noção da totalidade da compreensão do ser já descrita em *Ser e tempo*.

Referências

- HEIDEGGER, M. *Ser y tiempo*. Trad. Jorge E. Rivera. Chile: Universitaria, 1998.
- _____. “O tempo da imagem do mundo”. In: *Caminhos da floresta*. Lisboa, FCG, 2002.
- _____. “Ciencia y meditación”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001a.
- _____. “La cosa”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001b.
- _____. *Lenguaje tradicional y lenguaje técnico*. (1962). Texto disponível em: http://www.heideggeriana.com.ar/textos/tecnico_tradicional.htm#_edn1. Acesso em: 18.08.2008.
- PÖGGELER, O. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Piaget, 2001.
- REIS, R. R. “Matemática e ontologia no primeiro Heidegger: com o que sonha a nossa geometria?”. In: OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de; SOUZA, Ricardo Timm de (Org.) *Fenomenologia Hoje II: significado e linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ROUSE, Joseph. “Heidegger’s later philosophy of science”. In: DREYFUS, R.; WRATHALL, M. (Org.). *Heidegger reexamined: truth, realism and the history of being*. v.2. New York: Routledge, 2002.
- STEIN, E. *Pensar é pensar a diferença*. Ijuí: UNIJUÍ, 2002a.
- _____. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002b.
- _____. “O oculto (*Das Verbogene*): uma enigmática preocupação de Heidegger numa correspondência de 1945. *Humanidades em revista*. 5. pp. 49-58 (2007).
- _____. “O incontornável como o inacessível: a diferença ontológica numa carta inédita de Heidegger”. In: *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. 2.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2008.

²³ HEIDEGGER, M. “La cosa”. In: *Conferencias y artículos*. Trad.: E. Barjau. Barcelona: Serbal, 2001b. p. 136.

INTUITIO	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.1 - No.2	Novembro 2008	pp. 249-256
----------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------